

## “Modos de definir, para confundir”

Nos últimos tempos, expedientes ardilosos são empregados por “sindicalistas”, em debates a respeito do movimento sindical brasileiro e seu compromisso com a “governabilidade” e gerenciamento do estado, ou em qualquer discussão sobre o comportamento deste em relação ao governo Lula. Essa estratégia, carregada de conotações pejorativas, onde aqueles que pensam e/ou agem de forma diferente são acusados de ser de direita, de querer dividir ou não querer nada sério, serve de cortina de fumaça para desviar o debate sobre o trágico momento vivido pelo movimento sindical e o labirinto ao qual estão sendo conduzidos os trabalhadores brasileiros, onde uma saída possível fica cada vez mais distante.



A política de parcerias e conciliação de classes adotada pelo governo, em nome da governabilidade, foi assumida pelas entidades sindicais em detrimento da luta em defesa da classe trabalhadora. Isso se torna claro através da participação dessas entidades nos fóruns tripartites e em vários outros tipos de fóruns conciliadores criados pelo governo para amortecer o conflito entre capital e trabalho.

Ampliada no primeiro governo Lula, essa política tende a continuar em seu segundo mandato com o uso de táticas que mais parecem o aprimoramento de “O Príncipe” de Maquiavel, tendo como pressuposto sua interpretação gramscianiana onde, de forma sorrateira e ardil, a revolução se dará através de uma longa marcha por dentro do aparelho do estado burguês, não só através das eleições, mas também ocupando cargos de confiança na burocracia do aparelho estatal. Sem entrar no mérito dessa discussão, observamos que qualquer elaboração crítica sobre o assunto, torna-se alvo de ataques histéricos encolerizados, carregados de manipulação semântica<sup>1</sup>, contendo acusações de que os críticos desse modelo de sindicalismo são divisores da classe trabalhadora; faz-se então uma espécie de “linchamento original” desses “diferentes”, em uma desonesta tentativa de manipulação da consciência coletiva que há tempo foi desmascarada pela liberdade da consciência individual humana, através da qual o homem consegue apreender uma “verdade universal” para além do consenso socialmente admitido.

Prostituído a esse ponto, o debate dialético sobre as grandes questões que envolvem o movimento sindical mergulha no obscurantismo intelectual. Discute-se de forma meticulosa as questões superficiais; enquanto se faz um silêncio aterrorizante ante as questões profundas. Os dirigentes sindicais tentam conduzir, a todo custo, os trabalhadores a uma auto-estupidez voluntária, e ao conseqüente estado de indiferença catatônica, tornando-os escravos de seu discurso governista. Supostos pensadores do movimento sindical, repetem - em sintonia, ou não, com o governo - jargões elaborados de acordo com seus interesses, impregnados de manipulação semântica<sup>1</sup>, cuja persuasão retórica desonesta é empregada alheia aos princípios da classe operária, tomando sorrateiramente o lugar da dialética materialista norteadora da filosofia marxista, que serve de base de apoio para a luta pela construção do socialismo.

Por outro lado, as tentativas de resistência a esse holocausto ideológico esbarram na falta de unidade entre os militantes sindicais, pois nesse ambiente maquiavélico, a desconfiança, natural entre as diferentes correntes de pensamentos existentes no movimento sindical, torna-se quase doentia. O aparelhismo míope de setores da vanguarda sindical contribui para com que os “sindicalistas” aliados do governo sabotem qualquer tentativa de movimentação organizada que possa resistir a cooptação e a conseqüente destruição das instituições sindicais livres em nosso país. Outros setores mais críticos que preferem uma posição “mais segura” de... - eu bem que avisei! - ou,... - só agora que estão vendo isso? -, esquecem que as contradições - como já demonstrou o velho Marx - servem como fermento da revolução; esquecem, também, que o homem é, e sempre será, um aprendiz de si mesmo.

*Helano Furtado*  
*Historiador; Funcionário da Funasa;*  
*Dir. licenciado do SINTSEF/CE;*  
*Dir. da CONDSEF.*

<sup>1</sup>Semântica - na lingüística moderna é a disciplina que estuda as palavras e os enunciados como sendo objeto abstrato com um conjunto de propriedades e entre os quais se estabelecem relações que se definem nos termos predicação, tempo, aspecto, modalidade, valores de verdade, etc